

*Meu caro Governador Amazonino Mendes; Meus amigos Governadores dos estados da Amazônia; Senhores Ministros; Senhores Senadores; Deputados; Senhoras; Senhores;*

Já não tenho palavras para agradecer as manifestações de apoio e de afeto – e o afeto é tão importante quanto o apoio – que eu tenho recebido aqui nestes dias em que estou na Amazônia.

Essa convergência que ocorreu entre os governadores de nove estados, os dirigentes políticos desses estados e o Governo da República é auspiciosa, e ela é sinal de maturidade.

O Doutor Amazonino fez algumas reflexões que são importantes. O Brasil já mudou, não somos nós que estamos mudando o Brasil. O Brasil mudou, melhorou, tem hoje uma consciência mais aguda, mais clara dos seus problemas e exige de nós a capacidade de convergência, de buscarmos os pontos de apoio para um desenvolvimento que preserve a natureza e que atinja o homem mais pobre, a mulher mais pobre. Isso é obrigação nossa, Governador. Nós vamos desempenhá-la, desempenhá-la com afinco.

Eu senti, aqui, nestes dias na Amazônia, essa vontade tão forte e ao mesmo tempo tão direta, tão singela.

Repito o que disse há pouco: esta manhã, estive com o representante de Ongs, estive no Bosque da Ciência, vi pesquisadores. O sentimento é o mesmo, é de que chegou a hora de fazermos o que todo mundo sabe que tem que ser feito. E a marca dos nossos governos não há de ser só aquilo que nós vamos fazer, algumas obras importantes, sobretudo de infra-estrutura, e eu mencionaria algumas, repetirei alguma coisa do que disse, para que o Brasil registre.

Mas o mais importante é que os nossos atos têm que se orientar para chegar ao ribeirinho, ao extrativista, ao homem que está na favela, ao trabalhador, à pessoa pobre, àqueles que realmente vêm, às vezes sem entender muito do que se trata, quando nós falamos nos grandes objetivos estratégicos. (*Palmas.*) Nós já sabemos que os grandes objetivos estratégicos são fundamentais; mas tão fundamentais quanto eles é dar sinais diretos da nossa preocupação com a população mais pobre. É na saúde, é na educação.

E eu recolhi dos governadores essa opinião. No adendo à carta dos governadores, diz-se exatamente isso. É educação, é saúde, é o professor, é a professora como agentes de difusão de um novo modo de viver. Nós precisamos disso.

O Programa Comunidade Solidária vai estar à disposição para atender àquele que é carente e que não pode esperar pelo resultado das nossas decisões em termos de infra-estrutura. Isso vai ser fundamental nesses anos de Governo que nós todos teremos pela frente.

Mas eu também queria reafirmar aqui, perante o Brasil, que a convergência, hoje, de secretários de planejamento, de secretários de transporte, de ministros dessas mesmas áreas, do Meio Ambiente, de Assuntos Estratégicos, de Ciência e Tecnologia, mostra que nós só poderemos realmente ter um programa eficaz se juntarmos os esforços.

O Governo Federal, em agosto, apresentará o plano de investimentos plurianual. É aí que nós vamos ver consignados os recursos para fazer aquilo de que as nossas populações necessitam. Daqui até agosto vamos trabalhar juntos.

Vejo o jovem prefeito de Manaus aqui, à minha frente, assentindo com um gesto de que é assim mesmo. Temos que trabalhar juntos. Trabalhar juntos significa uma coordenação de esforços em nível local, municipal, federal, estadual e com aqueles que trabalham em nível da sociedade, para que nós possamos escrever no orçamento as verbas necessárias para essas obras.

Não haverá tanto recurso, mas há algum recurso. Eu já defini ontem uma certa quantidade de recursos disponível, que nós sabemos que existe, mas hoje eu quero ser mais preciso. Assim como ontem nós anunciamos que o Governo Federal iniciaria já a hidrovia Araguaia-Tocantins, quero dizer que também aqui nós vamos ampliar a capacidade de refino em Manaus. A Petrobras está pronta para passar dos 12 mil para os 40 mil barris diários. (*Palmas.*)

E isso, deixo claro para o Brasil inteiro, não tem nada a ver com as outras refinarias que são necessárias, inclusive no Nordeste e na Região Amazônica. É um ponto importante aqui, hoje, dizer que já podemos começar esses investimentos. Nós vamos aumentar a capacidade de tancagem no Acre e em Rondônia.

Pedi aos ministros que me apresentem, dentro de no máximo 120 dias, um programa para eu saber os investimentos que faremos em termos de energia. Temos o Linhão de Tucuruí, temos o aproveitamento do Urucu e do Juruá, que têm campos de gás importantes, que podem ser liquefeitos e, com isso, mover mais adiante a energia necessária para Manaus e para Boa Vista.

Temos que estudar essas alternativas, assim como a alternativa de Guri. Mas quero com rapidez essas alternativas.

Quero, também, dizer que me pareceu muito válida uma idéia de criarmos alguns recursos que pudessem ser diretamente apropriados pelo trabalhador que não tem como chegar ao banco e que precisa de uma quantia pequena. E uma idéia tipo “banco do povo” pode ser criada, pode ser implementada. Quem sabe tomando um estado, quem sabe o Amapá, quem sabe Rondônia, para começarmos a viver e vermos ali um exemplo concreto de como é possível fazer um investimento pequeno, mas que chega diretamente à população mais pobre. (*Palmas.*)

O Ministro da Ciência e Tecnologia, o Vargas, esta manhã nos mostrou a importância do Bosque da Ciência e mostrou, também, os esforços do Governo Federal na questão da pós-graduação aqui na Região Amazônica.

Destinamos recursos que não são vultosos, mas são suficientes para alavancar esse programa.

Nós vamos, também, criar uma fundação para juntar o Instituto Goethe com o Bosque da Ciência e com alguns parques nacionais, o que permitirá, através da junção desses esforços, garantir a excelência na continuidade do trabalho desses pesquisadores.

Quero dizer, também, que nós temos condições de começar já a construção da BR-174, que liga Manaus a Boa Vista e Boa Vista até a fronteira da Venezuela. (*Palmas.*)

Vamos ver o modelo de mobilização de recursos com os governos estaduais e Governo Federal, mas nós faremos. E eu não deixarei o Governo feliz – e quero deixá-lo feliz – se não tivermos, também, aberto a via para o Pacífico, porque Rondônia e Acre não podem ser deixados à margem do esforço nacional.

Senhores Governadores, não são promessas. Quando eu digo que não me deixaria feliz, é porque não tenho um estudo. Quanto à questão energética, não tenho os estudos ainda, são determinações. Nós vamos, juntos, encontrar os caminhos da integração da Amazônia. E, hoje, não é a integração da Amazônia em si, é a integração do Brasil com a Amazônia.

Não existe mais uma questão regional que não seja nacional. (*Palmas.*) Essa questão é nacional. E, ao falar em questão nacional, não posso deixar de recordar que essa integração, para dar-se perfeitamente, precisará que nós equacionemos também a Santarém–Cuiabá, que é outro passo importante. (*Palmas.*) Não é já, mas será, será daqui a pouco, porque é assim que se constrói realmente a possibilidade da diminuição dos desníveis regionais.

A Amazônia hoje é uma região que pode, deve, precisa, efetivamente, se integrar em termos de diminuição dos desníveis regionais. E não podemos deixar abandonadas certas regiões como a da Transamazôni-

ca. Aí o Ministro dos Transportes tem condições, já, de começar os acordos com os municípios para, em cooperação, restabelecer condições de utilização normal da Transamazônica. (*Palmas.*)

Durante muito tempo, esta região ficou um pouco à margem, pelas dificuldades próprias pelas quais o Brasil passou. Essa época acabou. Daqui por diante, Amazonas e Brasil são a mesma coisa, e o Presidente do Brasil fica muito orgulhoso de se sentir, hoje, um amazônida.

Muito obrigado.

